

# Morfologias Metropolitanas

Teresa Sá Marques, FLUP-CEGOT

[teresasamarques@gmail.com](mailto:teresasamarques@gmail.com)

Estapesquisa pretende ser um contributo para um melhor conhecimento dos processos de edificação e urbanização nos territórios de maior pressão urbana em Portugal (faixa litoral de Viana do Castelo a Setúbal, muito especialmente em torno das regiões urbanas do Porto e de Lisboa). Este artigo concentra-se em decompor os processos metropolitanos nas últimas décadas na região urbana à volta da cidade do Porto. Reflecte as formas urbanas e procura dar contributos analíticos para o debate científico e para a construção de um projecto territorial que promova a qualidade urbana. Não é uma apresentação exaustiva, mas é um relato exemplificativo dos processos em curso. Assim, a morfologia urbana é analisada à escala metropolitana, atendendo aos intensos processos de urbanização, sobretudo nos últimos decénios.

O espaço metropolitano actual é numa perspectiva morfológica um combinado diferenciado de texturas, redes e estruturas, em mutação. É uma formação urbana complexa, mais ou menos compacta, constituída por estratos por vezes com formas descontínuas, integrando núcleos e formações arbóreas, e ainda peças ou placas territoriais de carácter fragmentado, ligados entre si por elementos infraestruturais de diversa ordem, e sobre um território natural que pode ser visto como área a não urbanizar.

Para descrevermos a organização espacial analisa-se as formas, as redes e as estruturas. A forma refere-se aos padrões ou texturas espaciais, relativas aos edifícios (morfologia do edificado), às pessoas (texturas ou mosaicos sociais), aos usos (residenciais, industriais, de comércio e serviços), ou aos *habitats* naturais (áreas agrícolas ou florestais, parques naturais, etc.). As redes referem-se às artérias (infraestruturas rodoviárias e ferroviárias, sistemas energéticos e de telecomunicação, redes hidrográficas, etc.) e aos fluxos (de seres vivos, bens ou serviços). As estruturas sintetizam as articulações ou interações entre as texturas e as redes, tendo em consideração as diferentes escalas (regional e intra-municipal).

Esta pesquisa procura decifrar as articulações inter-escalares (macro-estrutura metropolitana e territórios de proximidade) e inter-temporais (1950, 1975 e 2000). Em termos conceptuais, *a fragmentação territoriale* o *policentrismo urbano* estruturam esta apresentação. As análises espaciais assentam em bases cartográficas (a várias escalas) e de dados, variadas e rigorosas, suportadas por sistemas de informação geográfica. Os resultados são cruzados com um trabalho de terreno complementar e com um número muito

significativo de inquéritos e entrevistas. Nesse sentido, o território físico é analiticamente articulado com as representações e as vivências sociais e funcionais.

Ao analisar as morfologias urbanas e as interações entre as diferentes escalas, numa perspectiva temporal, é possível compreender melhor a complexidade da *metapolis* e caminhar para o reconhecimento de sínteses de morfo-tipologias urbanas. Em suma, esta pesquisa procura identificar os elementos que compõem e estão a estruturar a construção das metrópoles contemporâneas. Interessava perceber de que forma os territórios se geram e se sustentam mutuamente, através de inter-relações dinâmicas e de relacionamentos entre funções urbanas.

O peso dos núcleos antigos na nuclearização e organização do crescimento territorial confere uma heterogeneidade e uma complexidade morfo-tipológica específica à região metropolitana do Porto. O sistema metropolitano tem um carácter claramente polinuclear, constituído pelas cidades “tradicionais” e as novas polaridades (fruto dos processos de inovação ou desconcentração das actividades produtivas industriais ou terciárias). A intensa mistura de usos e os valores naturais em presença traduzem-se numa riqueza paisagística, funcional e social que torna esta metrópole singular.

A clarificação da natureza dos fenómenos da urbanização contemporânea permitiu a conceptualização dos processos, e desta forma dá pistas para uma reflexão e uma intervenção urbanística que valoriza a vivência e a identidade metropolitana. Assim, o estudo das formas urbanas enquanto permanências em mutação sugere transformações e constitui uma importante matéria-prima para a reflexão urbanística. O objectivo é reflectir a fragmentação territorial e a organização espacial (para verificar o carácter do policentrismo), de modo apoiar ou a fundamentar o desenvolvimento de estratégias de intervenção urbana.

O estudo das formas urbanas é essencial para compreender a cidade contemporânea e indispensável para alcançar a sustentabilidade social, económica e ambiental. Neste sentido, este estudo vai para além das configurações exclusivamente físico-espaciais, pois aborda os processos sociais, económicos e ambientais, e a acomodação da articulação de tais processos no espaço. A dinâmica dos sistemas (atendendo, nomeadamente, às alterações climáticas, ao envelhecimento da população, à reestruturação económico-financeira) e as incertezas do mundo actual, transmite-nos naturalmente uma grande insegurança analítica. Num posicionamento prospectivo, há uma grande incerteza em relação às futuras necessidades de espaço e às condições indispensáveis para sustentar uma variedade de aspirações de uma população urbana crescente. Tais condições incluem novas formas de viver, trabalhar e comprar, aprender e ocupar os tempos livres, bem como diversas formas de produção e transporte, sem esquecer as condições básicas de vida, tais como uma habitação segura e uma oferta de água potável e alimentos saudáveis. Neste contexto, o estudo das morfologias urbanas é um processo interactivo, sempre atento e sempre em curso.